

O sono a uns faz
dormir... e a ou-
tros faz sonhar...

ANO V — N.º 113

ABRIL

14

1 9 5 7

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
FARO
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Loulé
Telefone 216



Fala a razão

SOMOS tomados de verda-
deiro júbilo sempre que
uma voz se levanta em defesa
da nossa província focando
problemas dum interesse in-
discutível. De ta vez regista-
mos com o maior desvaneci-
mento a intervenção do depu-
tado pelo Algarve, nosso ilus-
tre conterrâneo Coronel Sou-
sa Rosal o qual, numa exposi-
ção feita na Assembleia Na-
cional, relatou a precária, si-
tuação em que se encontra
uma parte da produção de fi-
gos algarvio, cuja quantidade
e valor, uma vez perdidos, le-
vantam um grave problema
económico, primeiro em rela-
ção ao comércio da especiali-
dade, e depois em relação à
agricultura, sua subsidiária enossa melhor fonte de sub-
sistência.



Coronel Sousa Rosal

Concordamos em absoluto em com toda a matéria
ali exposta e dela colhemos
razões para crer que o Al-
(Continuação na 4.ª página)

Feira Popular de FARO

POR iniciativa do Sr. Co-
mandante Distrital da P.
S. P. e em benefício do cofre
da Casa dos Rapazes vai re-
alizar-se em Faro, na Alameda
João de Deus uma Feira Popu-
lar que funcionará a partir
de 1 de Junho e até 1 de
Agosto.

Está assegurado o patrocí-
nio da Câmara Municipal de
Faro e o concurso de diversos
expositores que, em artísticos
Stands, procurarão valorizar e
reclamar as suas actividades
comerciais e industriais.

Além destes elementos es-
pera a Direcção da Casa dos
Rapazes conseguir a instala-
(Continuação na 4.ª página)

As automotoras diárias Algarve-Lisboa... ... já têm horário!

Para aqueles descrentes que diziam
que as tão desejadas e esperadas au-
tomotoras nunca mais circulavam,
damos afinal a grata e sensacional
notícia de que já circulam... as noti-
cias de que as mesmas (automotoras...
ou notícias?...?) devem começar a cir-
cular no princípio do próximo mês ou
ainda no fim do corrente.

Até já tem horário... partida de
Vila Real de Santo António, às 6,35,
chegada a Lisboa às 12,45, regres-
sando da Capital às 19,25, para
chegar a Vila Real à 1,30.

Ainda não podemos porém informar
quando passam em Loulé...



A Comissão Reorganizadora da Casa do Algarve, que foi
homenejada no preterito dia 31 com um almoço que lhe
foi oferecida pela nossa «Casa Regionalista». Da direita
para a esquerda: srs. Jerónimo Gregório Marcos, Dr. José
Aboim Ascensão Contreiras, Almirante José Mendes Cabe-
çadas, Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, Dr. Virgílio Pas-
sos e Joaquim António Nunes

O policiamento sobre os aros metálicos das carroças

A local em que nos referi-
mos à fiscalização sobre
as dimensões dos aros dos
carros de tracção animal me-
receu ser ouvida pelo comando
da prestimosa P. V. T. que
procurou inquirir sobre o que
se passava.

Podemos, assim, informar
os nossos leitores (e os inte-
ressados...) de que as noti-
cias até nós chegadas sobre a
interpretação de carros de la-
voura atribuída às directrizes
superiores fornecidas a
P. V. T., eram erradas.

Não é baseando-se na dis-
tincção entre carros isentos e
não isentos que tem sido le-
vantados autos mas no critério,
que é o legal, de estarem ou

não as carroças registadas nas
Câmaras à data da entrada em
vigor do actual Código da
Estrada, ou de não medirem
os aros mais de 4 centímetros.

Assim, não podem circular
sem risco de multa, os carros
cujos aros sejam de largura in-
ferior a esta medida mínima,
qualquer que seja a data do
seu registo nem aqueles cujos
aros, de medida superior mas
mais estreita que a fixada na
lei em função da carga, que
não estivessem registados até
31 de Dezembro de 1954.

Consequentemente, todos os
carros, isentos ou não de im-
posto de trânsito, desde que se
destinem à lavoura, tenham
aros com 4 centímetros pelo
menos e estejam registados na
Câmara até 31 de Dezembro
de 1954, podem circular sem
risco até ao fim do ano de
1959.

Congratulamo-nos pelo es-
clarecimento do assunto e foi-
nos assegurado que todos os
(Continuação na 3.ª página)

«O Premio Nobel» obteve grande êxito em FARO

Conforme augurámos, foi
excelente o desempenho do
Grupo de Amadores Farense
na peça «Prémio Nobel» ten-
do obtido retumbante êxito as
duas representações levadas a
efeito nesta cidade em benefi-
cio da Santa Casa de Miseri-
córdia de Faro.

Os nossos parabéns aos dis-
tintos amadores e os sinceros
votos para que se abalancem
a uma digressão artística que
o presente êxito e a finalida-
de altruística bem justificam...
incluindo Loulé no seu itine-
rário.

BAIRRISMO

NÃO se sabe, ao certo, quan-
do começou a vida muni-
cipal na Península Hispânica,
mas crê-se que foi Sertório o
portador da semente cuja ori-
gem se devera ao clima civili-
zador da velha Roma. Grande
general e grande político, Ser-
tório encontrou nos Lusitanos
os cultivadores da nova árvore,
a qual, dentro de alguns anos,
havia de espalhar seus frutos
por diferentes pontos das ter-
ras a quem Pirineus, figurando
Évora à cabeça.

A categoria de Município
era conferida àquelas povoa-
ções que, mercê do seu desen-

volvimento, davam mostras de
querer vida autónoma, ou se
dispunham a tratar das coisas
locais com um certo interesse
e carinho.

A medida que a dominação
árabe foi sendo rechassada pa-
ra terras de Espanha, as nos-
sas cidades e vilas foram-se
erguendo dentro e fora das
muralhas, adquirindo corpo e
vida que mais tarde lhes havia
de outorgar direitos de cida-
dania, com seus forais, seus tí-
tulos e privilégios. Logo que o
País adquiriu plena independên-
cia, Loulé tomou lugar na
primeira fila dessas terras, e
não é sem orgulho que invo-
camos o nome de D. Afonso
III, o rei que nos deu pela
primeira vez carta de alforria;
outros o fizeram depois com
mais largas vistas, novos títu-
(Continuação na 3.ª página)

Vice-Almirante Guerreiro de Brito

Em visita às instalações na-
vais da Bélgica, por cujo Mi-
nistro da Defesa foi convida-
do, esteve há pouco naquele
País o sr. Vice-Almirante José
Augusto Guerreiro de Brito,
nosso ilustre comprouviano e
prestigioso Chefe Maior da
Armada, tendo no seu regres-
so assistido em França a exer-
cícios navais da N. A. T. O.,

Na Casa do Algarve

O distinto investigador e escritor
Prof. Dr. Mário Gonçalves Viana
proferiu brilhantíssima conferência sobre
«A Genialidade do Infante D. Henrique»

No passado dia 4 e sob a
presidência do sr. Dr. Quirino
dos Santos Mealha, vice-pre-
sidente da Direcção, que ti-
nha a ledeá-lo os srs. Drs.
Garcia Domingues, presidente
da Comissão Cultural e As-
censão Contreiras; e Joaquim
Correia, Directores dos Ser-
viços Administrativos dos C.
T. T. e Hermenegildo Neves
Franco, presidente da Comis-
são de Turismo; o distinto in-
vestigador e escritor Prof.
Dr. Mário Gonçalves Viana,
sob o tema A Genialidade do
Infante D. Henrique, proferiu
uma brilhantíssima conferên-
cia, deliciando a assistência
com tão belo trabalho, du-
rante hora e meia.

Depois de feita a apresen-
tação de tão ilustre conferen-
cista pelo Dr. Garcia Domín-
gues, o conferente apresentou
o conceito da genialidade, sa-
lientando que os génios (ao
contrário do que se julgou du-
rante algum tempo) não po-
dem equiparar-se aos dese-
quilibrados ou aos loucos. Pe-
lo contrário, a genialidade
deve ser considerada como a
expressão mais alta do equi-
líbrio entre as faculdades hu-
manas fundamentais, inteli-

gencia polivalente, carácter
firme, vocação decidida, von-
tade poderosa.

O prof. Gonçalves Viana
demonstrou, de modo impres-
sionante, que o Infante D.
Henrique possuiu, bem vin-
cados, os traços característicos
dos génios. Salientou as cir-
cunstâncias particularmente
difíceis em que o Infante
actuou, explicando e interpre-
tando, com base na lição da
psicologia e da filosofia da
(Continuação na 4.ª página)

Em Tavira

foi inaugurado um novo
celeiro da F. N. P. T.

Com grande brilhantismo, inaugu-
rou-se no preterito dia 7, em Tavira,
um núcleo de silos para armaze-
namento, tratamento e conservação de
milhos, em cuja construção se dis-
penderam cerca de dois mil contos.

Presidiu ao acto inaugural o sr.
Eng. Victoria Pires, ilustre Subse-
cretário de Estado da Agricultura,
tendo assistido as entidades oficiais
do Distrito, dirigentes superiores da
Organização Corporativa da Lavou-
ra e outras individualidades, entre
as quais, Sua Excelência Reveren-
díssima o Senhor D. Fr. Francisco
Rendeiro, que procedeu à cerimónia
litúrgica da bênção.

Já se fala do 1.º de Maio

em ALTE

Entre as pessoas que gos-
tam (e quais são as que não
gostam!...) de passar «um dia
de Maio bem passado», ferve-
lham já os projectos de escur-
sões à nossa encantadora Al-
deia de Alte, berço de um
Poeta e sua Musa inspiradora
de poemas de incomparável
beleza...

Os seus «habitués» sentem
avivar-se as saudades dos ale-
gres momentos ali passados
em anos anteriores... e o de-
sejo de repeti-los.

...E os que ainda lá não fo-
ram têm curiosidade de ver
se «aquilo» é tão bonito e tão
divertido como dizem...

Enfim—fala-se... e há real-
mente mil e uma razões para
se falar em Alte e no seu tra-
dicional 1.º de Maio...

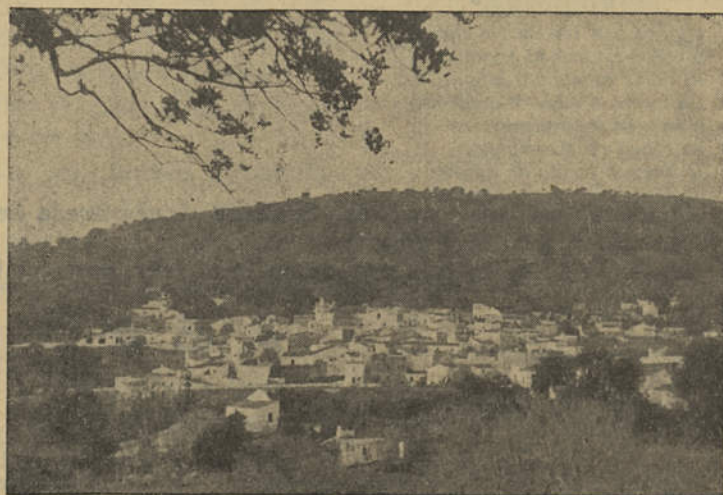
Nesta quadra festiva da
Natureza, a Primavera multi-
plicou ao infinito os prodigio-
sos encantos que tanto valo-
rizam a pitoresca Aldeia, pro-
porcionando aos seus visitan-

tes a grata surpresa de trans-
formar um simples passeio
num prazer inesquecível...

Alie-se a isto a franca e ri-
sonha hospitalidade do seu
povo, que neste dia ainda
mais se expande; o à vontade
que ali se desfruta; o interesse
de um Cortejo de Ofertas; a
animação de uma quermesse
e verbena; o folclore do seu
Rancho Infantil e o entusias-
mo e divertimento de um bai-
le ao ar livre com música a
jorros... e aqui têm os preza-
dos leitores motivos mais que
suficientes para explicar per-
feitamente porque:

—Já se fala... e é uma ten-
tação... o 1.º de Maio em
Alte!

O programa dos Festejos
que a diligente Comissão or-
ganizadora leva este ano a
efeito supera em atractivos os
anteriores.



... A encantadora aldeia de Alte, berço de um Poeta
e sua Musa inspiradora...

ANO I

N.º 11

14 ABRIL

1957

Correspondência
para

Casimiro de Brito

Rua Bocage, 140
FARO

A mensagem de Celina Ferreira

no seu livro NAVE INCORPÓREA

CELINA FERREIRA, poeta do Brasil, está aqui, NAVE INCORPÓREA, nas imagens, na poesia, na dor imensa, do seu livro de versos.

Autêntica poesia, porque a poesia não é ouro nem sorrisos, não é sol nem violinos acariciados por sereias, não é isto ou aquilo explicável, definível... A Poesia é igual a si mesmo... é POESIA.

A poesia de cada um de nós será a nossa poesia. Pessoal, mesmo intransmissível, mas igual a si própria e nascente, irremediavelmente nascente de nós.

A poesia de Celina Ferreira é vibrante, viva, tremendamente viva.

É o drama dum procura insatisfeita transformada no encontro progressivo com o nada, com a dor, com a solidão, com o desamor.

«Faz da tua dor um poema» escreveu Goethe. A poesia de Celina é a sua dor, é talvez a dulcificação da sua dor.

O Livro Primeiro, «Poemas do Desterro», é um documento humano, poético, BELO mas dum beleza singular, que dói, martiriza...

*A solidão sou eu sem refúgio de mim mesma,
paz de ausências, desejo puro de naufrágio
e superfície sem ondas. Sou eu criada no desterro
e amando o silêncio e o nada.*

A solidão mais cara que o amor e mais sofrida que a morte.

E a solidão nua e multiplicada, a obsessão ou pessimismo da solidão. Consequência dafalda de amor, mas dum amor idealizado, dum amor infinito, e não desse amor quotidiano que não basta, erradamente amor...

*O afago humano é triste como a coisa
que não deixa memória*

ou

Toda a carícia para o corpo é pouca.

E então Celina Ferreira vira-se para Deus. Mas o amor de Deus é intocável, é impossível porque o não ganhou, e se o aceita sente que o não merece:

*Meu Deus, porque me amas, se o desamor cairia manso
como a lâ sobre os ossos, como a paz sobre os dedos?*

Tu és amargo, meu Deus, tão amargo como os versos que escrevo.

... e roga a presença de Deus, não em Amor mas em Dor, aquela Dor que sob a forma de fogo castiga a... culpa/ que não me pesa como te atormenta!

Mas Deus é infinitamente bom, Deus a não castiga, porque é Amor, só Amor:

*Ah!, meu Deus, meu pobre Deus enganado!
Acima de mim, tu és o louco irremediável
que não ousa odiar-me ou destruir-me.*

Celina Ferreira termina os «Poemas do Desterro» fechada na sua solidão, «irremediavelmente incomunicável», indiferente ao mundo ao mesmo tempo que desejando descobrir esse mesmo mundo.

*Ah! Meu corpo desesperadamente arrancado de mim
seria a bastante imagem do tédio descobrindo o mundo.*

No Livro Segundo, «Poesia Cúmplice», o poeta multiplica-se em contradições. Mas o Amor, sempre o Amor, é a nuvem envolvente da sua poesia: «Tanto amor desesperado/ dentro do meu coração!... O desejo de amor é tudo, é o centro da sua poesia, é o símbolo da sua dor imensa:

*Ai que vontade de amar!
Eu sinto a vida nos braços
que abraçaram quase nada.*

Mas o Amor, que não conhece, como será? «Ai que receio de amar! Eu não amei quase nada.

Celina Ferreira, que começa o seu Livro Segundo com a afirmação dolorida:

*No meu corpo renovado
eu plantei a solidão.
Nunca mais vos abro a porta
do meu grave coração.*

esquece por momentos a sua dor infinita, ausência do amor infinito ou mesmo imagem real, quase palpável, do seu amor infinito.

Segue-se um período de lirismo, suave, admirável, límpido, lorquiano.

Mas de novo a sua máguia, a sua solidão, o seu desespero, a sua saudade do tempo em que eram do futuro, desconhecidas, as verdades de agora:

*«A infância lavada em chuva,
o corpo crescendo agreste,
as mãos tocando o infinito.
Lá longe, o medo e o silêncio,
a solidão incorporada,
as coisas de desengano,
lá longe o tempo de agora»*

Saudade, saudade, saudade. Saudade dum passado preocupado, criancil, transparente.

O elogio da ausência... mas da ausência feliz, pura total...

*O corpo das loucas,
a fala e o silêncio,
a fuga e a tristeza
são formas de vida
mais puras, mais puras
que a vossa!*

Celina Ferreira realizou-se em poesia. Mas sem procurar solução. Impossível a solução, tremendamente impossível.

*Enquanto eu for, não me encontro
nem aspiro a me encontrar.*

RETRATO



é meu irmão e morreu

monta um cavalo de cartão que parece andar e veste um casaco preto que imaginamos asas brancas olha-nos sério muito sério como se fosse verdade o cavalo de pau que finge andar e o casaco preto que imaginamos asas brancas fecharam-no numa moldura estupidamente rectangular e deixaram-no suspenso na parede branca

e é aí

na brancura vertical e espantada da parede que eu lhe falo e sou irmão desmaiando os traços as tintas a madeira diluindo-me com ele no espaço ilimitado que dois cavalos correm que quatro asas voam

santiago do cagem

eduardo olímpio

CINEMA

Cinema-arte e cinema-indústria

O Cinema é uma Arte e uma Indústria. E desta dualidade advêm os maiores inconvenientes, os principais, da Sétima Arte, do negócio cinematográfico. Um filme corresponde a um investimento de capital que convém defender. O filme — obra de arte na sua essência — tem que agradar imediatamente, tem que ganhar público custe o que custar.

E então que os homens do cinema usam os chamados elementos de chamariz (de Arminho Blanco, esta expressão), destinados a despertar a curiosidade dos possíveis espectadores. Geralmente esses elementos de chamariz são banalidades, mas banalidades de que o público gosta, ou porque excitam os sentidos, ou porque despertam uma curiosidade latente nos espíritos.

E pois necessário que o êxito comercial no cinema, seja a ordem do dia. Porque sem êxito comercial não pode haver continuidade na produção de cinema. Di-lo John Ford, o excelente realizador de «O Denunciante» e de «As Vinhas da Ira», do seguinte modo: «Os que querem fazer do cinema a sua profissão devem ter cuidado. Na profissão um fracasso artístico não é nada; um fracasso comercial é uma condenação. E preciso tirar o melhor proveito, respeitando as necessidades comerciais. O que nem sempre é fácil...»

Assim, estamos em presença da super-necessidade de sucesso comercial, ainda que o sucesso artístico se não evidencie, como elemento-base.

Claro que temos os filmes com por cento artísticos, obras primas, que constituem igualmente sucessos comerciais. Mas é também uma realidade, que grande parte dos bons filmes, fracassaram comercialmente. Temos para exemplificar «Ladrões de Bicicletas» de De Sica, «Marty» de Delbert Mann, o próprio «Rio Sagrado» de Jean Renoir. (Este inteligentemente referido numa das secções do C. C. F. pelo Sr. Dr. Fernando Ferreira, colocando-o, perante grande parte do público, no seu merecido lugar).

No entanto, o progresso da técnica, tende a suavizar esta incompatibilidade entre o Cinema-Arte e o Cinema-Indústria. Vejamos, entre os casos mais recentes, o sucesso obtido pelos filmes «Pic Nic» de Joshua Logan, «East of Eden» de Elia Kazan e «Rebel Without a Cause» de Nicholas Ray. Estamos em presença de três obras de certo merecimento, onde os interesses comerciais e artísticos se encontram inteligentemente ligados. Quer dizer, o seu sucesso, embora não devido inteiramente ao valor artístico, não prejudica de modo nenhum a sua essência ou mensagem, como obra de arte. A ligação artístico-espectacular, assumindo uma notável preponderância, colocou-os num lugar interessante. São tres películas que interessam a todos os públicos — ao público — desde os espectadores ávidos de movimentação — movimentação que nos filmes vulgares se transforma em estupidificação — aos que apreciam especialmente numa película o seu sentido estético, o conteúdo da sua mensagem como obra de arte. Tal não acontece com a vulgaridade dos filmes americanos, baseados geralmente numa grandiosidade aparente, para «inglês ver», só exterior, que desperta a atenção do espectador mas só enquanto dura o espectáculo. Depois o vácuo em cada espectador, a sensação de «nada». O espectador não foi induzido a «pensar».

O espectador vulgar gosta deste género de filmes, talvez porque pensar incomoda como andar à chuva (Fernando Pessoa). Ou será porque o não ensinam a ver o bom cinema, a pensar, enfim?... É aqui que se faz sentir a necessidade do Cineclubismo, mas dum Cineclubismo são, formativo, consciente...

Não aprofundarei o assunto porque tal não é possível neste ligeiro apontamento; porque isto é um apontamento, precisamente.

C. BRITO

para logo a seguir afirmar, quando se encontra (?) sem o desejar...

*Se procuro, não me encontro,
se me encontro, não me aceito.*

porque esse encontro não é estável, é imagem, é miragem, é quando muito saudade ou desejo.

E termina, num círculo fechado, amor solidão dor saudade desespero VIDA, quase aceitando a realidade, dando-lhes quase as mãos, mas só DEPOIS DO AMOR, desse amor que é tudo, e está além, aqui, em toda a parte, mas só depois dos dedos estendidos, sempre DEPOIS DOS DEPOS ESTENDIDOS, intocável, transitivo, impossível...

AMOR INFINITO!!!

Março de 1956 (17)

CASIMIRO DE BRITO

ACHADEI AS HUHNELEHJ

Por João Leal

A diluirem-se na brumosa recordação dum passado cheio de pequeninos nadas que somados dão a grande realidade que é a vida, vejo erguerem-se desse sonho letárgico a que pareciam estar condenados pela angélica mão do tempo, mil cenas que lentamente se de-fazem de novo, nesta derrocada de ilusões e frêmitos, que é o recordar!

Lembram, talvez o fumo do cigarro do companheiro fiel dos momentos cruciantes, que se consome partilhando da fraternidade dos nossos pensamentos, e que depois de se esgrimir na leveza e fragilidade dum estranho bailado, se furta à repetição do número.

Quantas vidas, assim! Heroísmos, dedicações e sacrifícios, almas de tempera plena, forjadas nessa grande ara, que é a vida.

A vida com um ontem e hoje, que jámais se fundem num amanhã visível; anseios que parecem renascer por entre os velhos muros e sonhos, que se vivem e acalentam ao sabor dum aária de Verdi ou dum trecho de Chopin.

Aquarelas — pedaços dessa mesma vida! momentos que todos temos vivido, agapes hediondos onde se traçam os vértices geométricos dum porvir!

Pois bem desçamos até à rua e incalquemos na tela da nossa alma, com a paleta da nossa sensibilidade os vultos que se cruzam, no aparente acaso de vidas sem rumo.

Uma chuva tênue cai sobre a terra e torna o calcário das ruas, mais brilhante! Só, divago percorrendo de novo estes caminhos, que são sempre os mesmos, mas que encerram sempre algo de novo — Um museu de novidades, afinal!

Fim da tarde! A lenta agonia de mais um dia, no cenário imorredouro dos sanguíneos vermelhos ou dos biliosos amarelos, que no fundo são, como que o despojo da refregia-sangue e lágrimas! E depois, como espectadores desta tragédia — poetas, músicos e pintores, compondo no círculo dos seus enleios, o indiscutível clamor dum fim, que nunca é morte mas o princípio da glória!

Já não há o canto da chuva no burilar dos calcários ou nas vidraças das casas! Na rua, a noite, cobre lentamente a terra com o negro do seu manto! num momento, ganha luz e bulício, graças a uns faróis. Mas no tênue perpassar dessa centelha, confundem-se timidez e audácia e após estes segundos de corda bamba, o que era, já não é e tudo volta à normalia.

No ar, onde se cruzam os latidos dos cães vadios e preguiços retardatários, os morcegos volteiam na audácia dos seus voos — parábolas, que se cruzam na hipótese dum ponto.

O mar! O mar é o fluido que jámais se apagará da alma lusa! Vive conosco e para nós! E' a estrada luminosa, balsamada por um hálito de rosas, onde se confundem glória e tragédia, mas que é sempre caminho para Deus.

Glória dum povo, que à voz do Visionário, cruza o ignoto construindo com as lágrimas a sua rota, ao som dum marulhar épico.

Tragédia! — paradoxo!? Talvez, mas verdade! Sim, uma verdade que todos os anos sobe à cena, na angústia e impotência dos espectadores.

Quem não conhecia o Toíno?! Bom moço; botassem o olhar e veriam a sua fama bater os casais, três milhas em redor. A sua lancha — a «Flor do Mar» — todos os anos apanhava pintura pela Sr.^a do Carmo, que era quando os «mil-réis» do atum, vinham para as algebras. Nessa altura, iam ao armazém e vinha tudo novo para casa e se a temporada era boa, até um «cachucho» de pedra azul para o Toíno. Depois era o Inverno — as marés de Santa Iria, com a água quase até à porta.

Um dia, o nosso homem, foi de novo para a vida, enrolado na japona e no fato de soriano. Foi... e não voltou! Jamais voltará!? Talvez que os seus bocados apareçam putridos numas reentrâncias rochosas. Mas ninguém os reconheceria como seus! Serão os restos dum naufrago sem nome, cuja história só o mar conhece, na aquarela negra da tragédia.

No reverso do cartão em tons policromáticos despontava uma glória.

Faro, 1957

João Leal

RECORTES

Há que admitir a arte de escrever como arte. Com as suas qualidades e direitos. E ver também através dela o artista, aquele que a maneja.

O plástico pintará, esculpirá, recortará, desenhará como e o que quiser... o músico tal qual, explorará a sua inspiração.

E porque é que o escritor não há de ter fantasias? A própria fantasia de escrever por simples gosto, ocasionalmente, derivando-se, alheando-se de um modo circular, forçado, peante?

Escrever como se respirasse, ou sonhasse ou brincasse com uma caninha na água, ou contasse as estrelas... quero dizer, se não ocupasse de utilidades? se desse férias de vulgaridade premente, dura? Férias reais.

Porque escrever pode muito bem ser jogar com as palavras e dar-lhes um qualquer sentido, qualquer desusada aplicação, expansiva, particular. Sentido bem ou mal aceite, bem ou mal compreendido pelos outros... o que tanto faz! mas grato ao escritor, pessoal, de recreio. Repito, de recreio e de confirmação; pessoal, em suma! Artístico, desinteressado.

Escrever ser, quando apetecesse, uma fuga ao banal, ao que sempre se tem feito e todos fazem, e é acreditado. Ser um abandono natural, uma fantasia... pura fantasia!

Se escrever é uma arte, com as suas liberdades...

IRENE LISBOA
em O POUCO E O MUITO

N. de C. B. — Com esta transcrição, respondemos a todos aqueles que descrevem da arte moderna, e não perdem uma oportunidade de crítica acesa mas fechadamente, às fantasias da prosa ou da poesia modernas, fantasias que são afinal um desejo louvável de arrancar expressões e não palavras. Porque palavras leva-as o vento...

A «Voz de Loulé» — Loulé
N.º 113 — 14-4-1957

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANUNCIO (1.ª publicação)

Pela 1.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial, desta comarca, e nos autos de acção especial de divisação de coisa comum que Maria da Boa-Hora Gonçalves e marido António Guerreiro Duarte, residentes no sítio da Picota de Gilvrazino, freguesia de S. Sebastião, desta comarca, movem contra Alice de Jesus Gonçalves e marido Albino Martins Sebastião, ela doméstica e ele trabalhador, residentes em Borges Ferro Carril, Villa Elisa, General Roca, Buenos Ayres, República Argentina, e outros, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o seu Manuel Guerreiro Viegas casado, trabalhador, ausente em parte incerta do Brasil e cujo último domicílio conhecido foi no sítio da Charneca do Monte Sêco, da referida freguesia de S. Sebastião, para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido constante da petição inicial dos supra identificados autos, cujo duplicado se encontra patente nesta Secretaria Judicial, para lhe ser entregue quando reclamado, sob pena de se proceder à adjudicação ou venda do prédio referido na aludida petição, com a cominação de que se não comparecer ou fizer representar na conferência a que alude o artigo 1.059.º do Código de Processo Civil, ficarão vinculados ao deliberado pelos interessados ou interessados presentes, seguindo-se os demais termos dos artigos 1.059.º e 1.060.º do citado Código.

Loulé, 8 de Abril de 1957.

O Chefe da 1.ª Secção

Joaquim Guerreiro

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

a) Marino Barbosa Vicente
Júnior

Eugénia Soares

Enfermeira-Parteira-Puericultora

Partos — Crianças — Tratamentos e Injeções

Av. José da Costa Mealha, 38
Telefone 257 LOULÉ

VENDEM-SE

Uma moto em estado de nova, marca A. J. S., de 350 c. c.

Uma bicicleta motorizada marca Sachs.

Dois balanças decimais, sendo uma de 250 Kgs. e outra de 100 Kgs.

Cerca de 100 sacos usados.

Um engenho de ferro

Um carro de bebé.

Tratar com Virgílio da Costa Mariano Rua Padre António Vieira.

LOULÉ

Empregada

Precisa estabelecimento comercial.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Um dínamo Siemens 10 HP—110 Volts—1 000 r. p. m. Praça da República, 5 — LOULÉ.

Empregada

Precisa-se, para serviço de escritório.

Nesta redacção se informa.

Actividades da Casa do Algarve

(Continuação da 4.ª página)

— Registrar em acta o mais vivo agrado pelo franco acolhimento dispensado pelo Ex.º Presidente da Camara Municipal de Faro à ideia da construção, na mesma cidade, de um Jardim-Escola João de Deus, e pelas manifestações de entusiasmo regionalista de que a Liga Portuguesa de Profilaxia Social e a Comissão «Pró-Algarve» do Porto, rodeou o ex presidente da Comissão Cultural da «Casa do Algarve» e distinto Director do Arquivo Histórico Ultramarino, sr. Dr. Alberto Iria, na sua recente visita àquela cidade, a fim de ali realizar uma conferência, a convite da referida Liga, sobre o tema: «O Infante D. Henrique e as primeiras pescas longinquoas no Atlântico Ocidental».

— Dar conhecimento ao artista louletano, sr. José de Brito Barracha, como ofertante da recordação do Algarve entregue pela agremiação na Embaixada Britânica, com destino à Rainha Isabel II, por ocasião da sua visita a Portugal, dos termos do gentilício em que a mesma Embaixada, por ordem da soberana, agradece tal oferta.

Os aros metálicos das carroças

(Continuação da 1.ª página)

indivíduos autoadidos tinham as suas carroças registadas posteriormente a 1 de Janeiro de 1955 e que, para remediar qualquer procedimento errado, foi feito o devido inquérito.

Esta medida evidencia a verdadeira compreensão da difícil e meritória função da P. V. T., pois o exercício da autoridade com justiça e sensatez é que a impõe ao respeito e a estima do público! Embora na local a que nos referimos, não fosse a P. V. T. quem se punha em causa, agradamos registar a solicitude do seu comando em esclarecer possíveis erros e até [quem não é tentado por exageros...?] possíveis abusos.

Também a nós é grato pôr as coisas nos seus devidos lugares.

MOTO

Marca TERROT 350 cc Em bom estado de mecânica e com pneus novos

Tratar nesta redacção.

VENDE-SE

Um armazem e uma morada de casas, na Avenida Marçal Pacheco.

Tratar com Viuva de João Caetano de Sousa Leal — LOULÉ

AGENCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

Rua Conselheiro Bivar, 58—Telefone 216—FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, Africa, Américas
do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas
as Companhias.

Obtenção de passaportes
e vistos Consulares

BAIRRISMO

(Continuação da 1.ª página)

los e novos favores. todos eles a demonstrar que Loulé não se resignava a viver a vida dos morgadios, sedentária e está il. No tempo de D. Diniz a Vila constituiu-se em fortaleza, em cujas muralhas uma sentinela estava sempre de atalaia, atenta aos sinais de socorro que Quarteira lhe impetrava, logo que o mouro traícoeiro punha pé em terra para pilhar gente e haveres.

Com D. João I. Loulé ocupava lugar em cortes, e o seu Hospício, embora pequeno, recebia os feridos de Ceuta, em cujo número se contavam alguns filhos da terra.

Brites de Almeida aparece então como um diabo em corpo de mulher, brigã inveterada, mas não é sob este aspecto que os louletanos de hoje a devem considerar, mas sim como um símbolo que através do tempo deu à gente do concelho a nota de incontestável bravura.

Se deram, por vezes, a essa gente o nome de caceteiros, podiam ter acrescentado que o apodo se confundia quase sempre com heroísmo, pois tão bem manejavam o varapau nas feiras como empunhavam as armas no campo de batalha. Foi assim que a nossa terra manteve sempre um timbre de desassomburada franqueza e independência, timbre esse que D. Sebastião qualificou de nobre e notável, em homenagem às armas da Vila.

Longe de afrouxar, tais qualidades vêm vincando através do tempo novas etapas, para afirmar aos que aqui chegam que Loulé recebe a todos de braços abertos e trata os com merecido respeito, desde que não venham armados em ave de rapina ou dela oriundos. A nossa gente é assim e só assim se explica o desenvolvimento que Loulé tem tido, em contraste com outras terras que

«O Algarve»

E'-nos sempre grato noticiar o aniversário de um colega mas quando, como no caso presente, é o 49.º ano de existência que se festeja, ainda mais satisfeitos nos sentimos.

E' que, atingindo sem precalços de maior o limiar do cinquentenário, «O Algarve» dá o salutar exemplo de quanto podem os esforços, os sacrificios e a persistência... quando bem orientados.

«Bem bonita idade para um periódico da provincia» — sim senhor — e bem justificado motivo para endereçarmos ao seu ilustre Director e a quantos com ele trabalham as nossas sinceras felicitações.

Automóvel

Por motivo de retirada, vende-se um automóvel VAUXHALL F G 21-35

Tratar com José Guerreiro Bexiga — Loulé.

são, como esta, centros essencialmente agrícolas.

No tempo em que a política era debatida nas assembleias eleitorais, notavam-se rivalidades que tornavam difíceis as relações entre as pessoas da terra. Não obstante, foi sempre mal acolhida qualquer intervenção de estranhos no sentido de estabelecer a paz na família, porquanto as questões locais tinham um carácter «sui generis» que interditava, sob pena de abuso, toda a intervenção vinda de fora. No meio dessas questões, cujo sentido não ultrapassava os limites do concelho, uma coisa porém havia em que todos estavam de acordo e em que cada um punha à prova o melhor do seu espírito de isenção: melhorar o aspecto e as condições de vida da terra, e tão longe se marchou nesse caminho que Loulé conseguiu ser, das terras de provincia, uma das primeiras a ter um apetrechamento moderno em água, luz, esgotos, etc. Pode dizer-se que em todo este meio século, felizmente, não passou pelo Município uma única vereação que não assinalasse a sua passagem com uma obra de relevo.

E tudo se fez com os filhos da terra.

No fim e ao cabo estamos na boa lógica: se a Nação é de todos os portugueses, se a provincia é dos comprovincianos, o concelho deve pertencer aos municipais; estes, e só estes têm responsabilidades reais vinculadas ao destino da sua terra, em cujo centro se ergue o pelourinho dos condenados ao desprezo público; e Loulé não tem pelourinho, tem obras materializadas que se espalham por toda a área da Vila, logo, e dada a tradição que vem dos mais remotos tempos, não há que ter receio em entregar as autarquias locais aos filhos de Loulé, na certeza aceita de que eles saberão dar boa conta delas.

Hilário Brasino

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 113 — 14-4-1957

Comarca de Lisboa 5.ª Vara Cível ANUNCIO

(2.ª publicação)

Nuns autos de acção de divórcio litigioso pendentes na 1.ª Secção da 5.ª Vara Cível da comarca de Lisboa, correm éditos, com dilacção de trinta dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, citando Amadeu da Silva Guerreiro, negociante, cuja última residência conhecida foi no lugar de Curralões, freguesia de Alte, comarca de Loulé, e hoje ausente em parte incerta, para no prazo de vinte dias, depois de finda a dilacção, contestar o pedido de divórcio litigioso formulado por sua mulher Isidora Guerreiro da Silva, casada, doméstica, residente em Lisboa, na Rua Luciano Cordeiro, n.º 7, cave, com fundamento nos números 4.º, 5.º e 6.º do art.º 4.º da Lei do Divórcio.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1957

O Juiz substituto, em exercício,

a) César Augusto Louro

O Chefe da 1.ª Secção,

a) José João Barreira Cardoso

VENDE-SE

Uma casa com seis divisões, água, luz, casa de banho e quintal com poço, sita a 5 metros da Avenida Marginal da Praia de Quarteira.

Nesta redacção se informa.

Loulé... em retrato

ELAS falam, falam... mas estas modestas fotografias são lidas por muito mais gente que nós julgamos... Sai-se fora de Loulé, encontra-se um amigo ou uma família conhecida e logo se ouve: «Olhe que eu leio sempre o «Loulé... em retrato»! E, muitas vezes, ainda, se ouve a ingénua pergunta: «Mas quem é que escreve aquilo?»!

Bem entendido que a resposta é sempre de que desconhecemos o fotógrafo, ou de contrário, não mais fariamos qualquer instantâneo, porque passávamos a ouvir a constante advertência que em Loulé já temos ouvido: «Toma conta que isso vai para o «Loulé... em retrato»!

Há dias, alguém nos dizia que as primeiras duas placas calcetadas da nossa sala de visitas, tinham sido alindadas porque ficavam em frente de casas de pessoas que tinham preponderância nos assentos municipais.

Já conhecíamos, desde o tempo em que se concluiu aquela metamorfose, esta insinuaçõesinha venenosa... Mas agora, que já passaram alguns anos, gostávamos de saber a resposta a este «teste» de boa intenção:

— Acha que é melhor assim, ou com o piso de areia que tinha?

— Se está bem, porque não faz-m o mesmo às outras placas?

Será só para continuarem a dizer que aquelas foram feitas com intenção pessoal?

Neste caso, não á a preocupação de fazer coisas que estão bem, para poder continuar a falar do que julgam estar mal?

Vamos lá, não estejam agora a prejudicar os moradores das restantes cinco placas, só para poderem dizer que estão bem os moradores de duas! Para falar mal de duas ou três pessoas, não há o direito de sacrificar os interesses e as conveniências de algumas centenas!

Façam, façam e aí estará uma resposta condigna e cheia de isenção e compreensão!

Façam as outras, pois de contrário estão a fazer pior do que os que começaram estas. Estarão a colaborar no erro ou na intenção maldosa que queriam pôr nos outros.

GONCINHA



Agradecimento

António Pedro Nunes

Sua família, profundamente grata, vem por este meio tornar público o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o seu saudoso extinto à sua última morada, ou por qualquer outra forma lhe manifestaram o seu pesar, assim como a todas as que se interessaram pelo seu estado de saúde.

A todos, o seu reconhecimento de muita gratidão.

PRÉDIO

vende-se um, com 4 divisões, quintal e poço no sítio de Cortelha, freguesia de Salir

Quem pretender dirigir-se a José Cavaco — Ameixial — Algarve

CASA

Vende-se uma casa de 1.º andar no sítio de Jogo (Gilvrazino)

Tratar com Maria da Boa-Hora Rodrigues Alho — Jogo — Gilvrazino.

Estarão a reincidir no delito de que acusam os outros».

E é muito feio estarmos a ver-nos num espelho embaçado!

Faro vai ter a sua Feira Popular a favor da Casa dos Rapazes.

Loulé, já se havia antecipado há anos, com duas Feiras Populares. E felizmente não se saiu desairoso de tais realizações.

A última Feira, com o concurso das belezas concelhias, resultou mesmo uma realização interessante.

Não queremos, propriamente, dizer interessante no sentido de atracções ou divertimentos, mas sobretudo pela aproximação e convívio que estabeleceu entre a sede do concelho e as suas freguesias, que foram apreciadas pela exibição que fizeram dos seus melhores elementos, quer no campo artístico, quer no folclórico, quer na belezas das suas concorrentes.

Foi bem uma iniciativa de alto alcance regional, evocativa da vida aldeã em todos os seus aspectos e méritos,

Pena é que os louletanos se não encham de capricho e organizem novas realizações deste género.

Alguém, perguntava há dias:

— Quando teremos uma pensão capaz?

— Quando entraremos num Café bem mobilado?

— Quando teremos cadeiras estofadas no Teatro?

— Quando teremos o Parque pronto?

— Quando se modificará a luz na Avenida?

— Quando... virão as automotoras?

Tanto quando! Deus meu!

Reporter X

PROPRIEDADES VENDEM-SE

2 propriedades no sítio da Varzea da Ponte da Tor, sendo 1 com terra de semear e regadio e 1 morada de casas e outra com terra de semear e figueiras.

1 courela denominada «Curral da Pedra» junto à Ribeira da Tór com alfarrobeiras e oliveiras.

1 courela de barrocal com alfarrobeiras, no sítio da Cruz da Assumada

Tratar com Manuel Dourado Martins Sousa Eusébio — Salir.

Não compre

Automovel ou Fourgoneta sem consultar

Manuel Rodrigues
Martins (ANICA)
LOULÉ

que tem ao vosso dispor:

Fourgonetas

Taunus Utilitária — Série 20
Peugeot » 19
Borgward » 23

Automoveis

Anglia — Série 14
Minor » 16
Opel Record » 20
Estes veículos podem ser vistos na:

Garagem Avenida

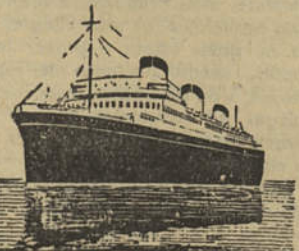
Telef. 135 LOULÉ

Sempre novos modelos
Sempre as melhores condições

Modista diplomada

Oferece-se para ir trabalhar a casa.

Informar-se na Praça D. Afonso III, n.º 31 — Loulé.



Jogos Florais da Primavera

Termina no próximo dia 17 o prazo para a entrega dos trabalhos concorrentes aos Jogos Florais promovidos pelo Atlético Sporting Clube de Loulé.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos em Abril:
Em 4, a sr.^a D. Gertrudes Maria Duarte Cavaco.
Em 8, o sr. Carlos Alberto Feio Bolotinha.
Em 11, o sr. António Santos Simões e o menino Quirino Caetano de Brito da Mana.
Em 14, o menino Mateus de Sousa Gonçalves Cachola.
Em 15, o sr. José da Palma.
Em 16, o sr. Filipe Santos Vinhas.
Em 17, o sr. Dr. Manuel Mendes Gonçalves.
Em 18, a sr.^a D. Ermelinda das Dores e Sousa Pinto e o menino Reinaldo Manuel Caetano de Jesus.
Em 19, a sr.^a D. Maria da Piedade Vinhas Pinto Lopes e o menino José Manuel Oliveira Jerónimo Guerreiro.
Em 20, a sr.^a D. Ivone dos Santos Limas e os meninos Leonel dos Santos e Leonilde Morgado Martins.
Em 21, o sr. Fernando Laginha dos Ramos e a menina Maria Tomé Martins dos Santos.
Em 22, as meninas Deolinda Rodrigues Martins Anica, Maria Helena Rocheta Guerreiro Rua, Florisbela da Costa Pires, o menino José Maria Calado Palma e o sr. António Simões Leal.

Partidas e chegadas

— Acompanhado de sua esposa, vimos em Loulé o nosso estimado amigo e assinante sr. Dr. Quirino Mealha, ilustre Presidente da F. N. A. T.
— Com curta demora esteve entre nós o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Humberto José Pacheco, Director da Companhia de Seguros «Ourique».
— Mudou a sua residência da Argentina para a Venezuela o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Joaquim João Silvestre Guerreiro.
— Após uma feliz viagem na companhia de seus filhos Maria Arlete e Helder Paulo Mendonça, encontra-se já na Venezuela, a sr.^a D. Romana Gala Mendonça, esposa do nosso prezado conterrâneo e assinante naquelle Pais, sr. Damião Casanova de Mendonça.
— De visita a sua família, esteve em Loulé o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. Adriano Maria Rocha Carapeto, imediato do navio petroleiro «Dondo».

Gente nova

— Num quarto particular do Hospital de Loulé, teve a sua «delivrança», no pretérito dia 9, dando à luz uma menina, a sr.^a D. Maria Ivette Carrilho Ramos Mendes, Assistente Social na nossa vila, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Idalino Ramos Mendes, funcionário da Câmara Municipal de Loulé.
Aos felizes pais os nossos parabens, com votos de longa vida para a recém nascida.

Falecimentos

— Vitimada por uma pertinaz e dolorosa doença, faleceu no pretérito dia 7, nesta vila, na sua residência na Av. Marçal Pacheco, a sr.^a D. Brígida de Sousa Oliveira, solteira, de 67 anos de idade.
A extinta era irmã das sr.^{as} D. Maria do Pilar de Sousa Oliveira, casada com o sr. Joaquim Mendes Ministro, proprietário, D. Adélia de Sousa Oliveira, professora oficial, viúva, e D. Emília de Sousa Oliveira, e cunhada da sr.^a D. Benvida Encarnação Gonçalves Oliveira, viúva do sr. José de Sousa Oliveira.
— Poucas horas depois, devido à comoção que lhe provocou a morte de sua conhada e apesar da imediata assistência médica com que foi socorrida, faleceu também a sr.^a D. Benvida da Encarnação Gonçalves Oliveira, perante o desespero e a dor de seus filhos, o nosso prezado amigo sr. José Gonçalves de Sousa Oliveira, Sócio-Tesoureiro da E.V.A., sr.^a D. Maria Cândida Gonçalves Oliveira de Jerónimo Guerreiro, esposa do sr. Dr. José Jerónimo Guerreiro e sr.^a D. Maria Eleonora Gonçalves Oliveira.
A extinta contava 68 anos de idade e era irmã dos srs. António de Sousa Gonçalves, funcionário reformado de Finanças, que exerceu a sua actividade durante cerca de 30 anos na visinha vila de S. Braz de Alportel e do sr. José Gonçalves, proprietário, residente em Buenos Aires.

O infausto acontecimento moveu profundamente quanto dele tiveram conhecimento, pois, as desditosas senhoras eram muito conhecidas e estimadas, não só na nossa vila como em Faro.

No duplo funeral encorporaram-se centenas de pessoas de todas as condições sociais e em que a Empresa de Viação Algarve estava largamente representada numa sentida manifestação de pesar.

A família enlutada apresenta a «Voz de Loulé» os seus sentidos pesames.

LEIA!
ASSINE!
DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

A Voz de Loulé

A Ligação Rodoviária às automotoras

(Continuação da 1.^a página)

ção industrial, ousamos solicitar-lhe o favor da publicação dos seguintes esclarecimentos que, na sua singeleza, oferecem largos motivos de ponderação a todos os interessados no problema focado:

1—As ligações ao caminho de ferro têm vindo a ser efectuadas, pela «EVA», há mais de duas dezenas de anos, sempre com prejuízos importantes. Para dar uma melhor ideia desses prejuízos, basta que se indiquem os respeitantes a os últimos quatro anos:

| | |
|---------|------------|
| Em 1953 | 25.821\$64 |
| Em 1954 | 25.485\$48 |
| Em 1955 | 24.113\$70 |
| Em 1956 | 26.175\$45 |

A razão destes números encontra-se na falta de tráfego, pela muito fraca utilização da carreira. Porque um automóvel de aluguer cobra somente 20\$00 e porque muitos passageiros levam consigo pessoas que se vão despedir, aqueles optam pelos «táxis». Outros passageiros possuem automóveis próprios, etc., do que resulta uma frequência de quatro ou cinco indivíduos mais pobres, para o transporte colectivo, em cada horário. E isto tem-se verificado desde sempre, crescendo o desinteresse pela carreira, de ano para ano.

Acresce que as actuais ligações são feitas a horas muito matutinas ou nocturnas, o que implica aumento do custo da exploração, com horas extraordinárias para o pessoal.

2—Não obstante a experiência nos demonstrar claramente a insuficiência do tráfego de camionagem de passageiros entre Loulé e a sua estação de caminho de ferro, concordou esta Empresa efectuar ligações às automotoras Lisboa - Algarve, logo que estas iniciassem o seu serviço efectivo. Isto consta de acordos com a Dig.^{ma} Câmara Municipal de Loulé, há muito concluídos. Sucede que, até aqui, nenhuma indicação temos quanto ao início dos serviços das automotoras e seus horários. Carece, portanto, de oportunidade toda a matéria do artigo publicado por V. Ex.^a, no que respecta à colaboração aconselhada a esta Empresa, visto que tal colaboração já estava prometida.

3—Mas a colaboração desta Empresa só poderá ser mantida no caso da exploração resultar, visto que ninguém poderá com justiça e equidade, exigir que se entre pelo caminho de novo encargo a juntar ao provocado pela ligação aos comboios correios. Ou o público utilizará as ligações em número suficiente para as justificar e manter, ou não será de exigir mais encargos a uma exploração que, actualmente, já proporciona cerca de 25 contos de prejuízo, por ano. De resto a lei é bem clara e prevê, para casos desta natureza, que alguém ou a empresa ferroviária, subsidiem as ligações rodoviárias, na medida do conveniente e justificável (artigo 87.^o do decreto n.º 37.272).

4—Cabe, nesta altura, comentar as relações entre esta Empresa e o concelho de Loulé. Como muito bem foi focado naquelle artigo, tais relações têm sido sempre orientadas no interesse do público, com os bem patentes benefícios para as duas partes.

Mas poder-se-á colocar o caso das ligações rodoviárias, ao caminho de ferro, como uma imperiosa necessidade? Isso é o que iremos constatar, perante o movimento de passageiros que se verificar, de futuro. Certamente e sinceramente desejamos que a média do tráfego justifique o serviço, ao contrário do que está sucedendo com

as ligações aos correios. Compete ao público de Loulé corresponder à boa vontade da Empresa, que prontamente se comprometeu a demonstrar a sua.

5—A E. V. A., Lda, serve muitas regiões, muitos concelhos. Em cada terra há uma aspiração, ou mais, sobre transportes. Daqui resultam múltiplos problemas que nem sempre podem ser atendidos, pelo encargo, que representam, ser superior às possibilidades. Mesmo assim se mantêm muitas carreiras, muitos serviços — e alguns no concelho de Loulé — deficitários, sem que se recebam subsídios absolutamente justificáveis, redução de impostos, etc. Todo o peso de tais serviços, cai sobre o orçamento da E. V. A., Lda, uma exploração dia a dia mais sobrecarregada de encargos, sem a compensação por aumento de tarifas. De todos os lados se ouve dizer que a E. V. A. Lda pode e deve suportá-los, porque obtém compensação em carreiras mais rendosas.

Não desejamos discutir aqui esses problemas — e nem três números de «A Voz de Loulé» bastariam para tal. A vontade de servir, o bom desejo de satisfazer as aspirações do público que utiliza as suas carreiras, está bem patente na constante melhoria dessas carreiras, horários e material circulante. Verificamos com muito prazer que tal é reconhecido no artigo publicado e a que nos estamos referindo. Muito gratos, portanto.

Com a mais elevada consideração, nos subscrevemos
De V. Ex.^a

Mto. Atenciosamente

Empresa de Viação Algarve, Lda.

Os gerentes

Aníbal Guerreiro

José Francisco Costa

fala a razão

(Continuação da 1.^a página)

garve continua a ser uma província enteada, embora aqui se trabalhe com o mesmo afincado e anseio de tornar grande e belo todo o espaço que vai do Algarve ao Minho, tal como no resto do País.

Do discurso deste nosso preclaro conterrâneo destacamos o seguinte período:

No ano de 1955 houve uma dificuldade de colaboração para um saldo de 750 toneladas, que acabou por ser resolvida pela Junta Nacional de Vinhos, em resultado de diligências feitas pelo Grémio de Exportadores de Frutas e Produtos Hortícolas do Algarve. Para a campanha de 1956 o caso apresenta-se com certa gravidade, visto que se encontram sem colocação, e em risco de se perderem cerca de 3 000 toneladas de figo industrial que em virtude das medidas restritivas impostas pela portaria n.º 14 354 só podem ser absorvidas pelos industriais de Torres Novas, que não fazem certamente por qualquer impossibilidade funcional ou conveniência comercial, visto que não há obrigatoriedade legal para o fazer. Criou-se um privilégio sem as subsequentes obrigações.

Formulamos os melhores votos para que a voz deste ilustre representante do Algarve se repercuta, em eco, nas esferas oficiais, de molde a que à justiça, que nos assiste não tarde a ser convertida em factos.

A ARTE MODERNA

Apontamento sugerido pela leitura de «Música Moderna», de António Augusto Santos

1.^o — Parece ter criado raízes para designar, aglutinando-as, as correntes literárias e artísticas das últimas dezenas de anos, uma expressão tão incolor e insignificativa como «arte moderna». Fórmula generalizada, ela não tem um conteúdo preciso e, ao contrário, tem adquirido um tom depreciativo ao contrapor-se, sem mais, à arte dita clássica.

Tenho para mim que arte moderna, verdadeiramente, será toda aquela que exprime a época em que nasceu, quer nós consideremos as pinturas de Altamira, quer apreciemos uma tela de Van Gogh ou um poema de Miguel Torra. A arte é moderna, portanto, quando nos dá os conhecimentos ou as dúvidas, as preocupações e os anseios prevalentes nas conjunturas temporais onde encontrou a sua origem. Por isso «Os Lusíadas» foram arte moderna no século dos Descobrimentos e a pintura de Gromaire o é hoje, mas não o será, agora, um soneto em que um autor do nosso tempo celebre os feitos de cavalaria de um qualquer vencedor de torneios da Idade Média.

São estes, resumidamente, os termos em que construo o conceito de «modernidade» na arte.

2.^o — Muito se escreve e se diz sobre a arte dos nossos dias, incluindo-a, genericamente, naquela denominação. Muito se escreve e se diz, é certo, sobre a «arte moderna». Mas... muito pouco se estuda e se conhece.

E, no entanto, não pode restar dúvida de que tem interesse o problema da aceitação da «arte moderna», nas suas mais diversas manifestações, desde a Arquitectura ao Teatro, do Romance à Música, da Poesia à Pintura.

Será desejável uma renúncia incondicional do público às inovadoras qualidades de expressão da «arte moderna»? É evidente

que não! Aceitar sem compreender é continuar a ignorar.

Será de bom aviso negar-se, pura e simplesmente, a «arte moderna»? Decerto que não! Repelir sem compreender é continuar a ignorar.

3.^o — Posto isto, quer me parecer que a posição que se deve preferir terá que ser, essencialmente, estudiosa e compreensiva.

Só assim, estudando e procurando compreender, deixará a sensibilidade do crítico (ou do simples curioso) de ser condicionada por conceitos limitadores, que são fundamento de concepções artísticas já ultrapassadas e anacrónicas.

Sem se cair no extremo de criar «figurinos» artísticos ou literários que sofram modificações tão rápidas como as da moda feminina, parece todavia lícito afirmar, por exemplo, que não há hoje na poesia lugar para a epopeia clássica. Isto significa, não que «a epopeia passou de moda», mas apenas que não é possível no mundo actual surgiu um condicionalismo estético ideológico semelhante àquele onde nasceram as grandes e opeias greco-latinas ou «Os Lusíadas».

4.^o — Afinal, com estas considerações, o que eu queria fazer notar era que, antes de se condenarem sumariamente as novas concepções artísticas, classificando-as negativamente apenas porque se não conformam com moldes e processos que nos pareciam intangíveis — antes, portanto, de se regressar à admiração de uma «arte clássica» que não satisfaz, presentemente as exigências do tempo nem a sensibilidade dos artistas — é bom que se procure compreender essa arte sobre a qual a todo o momento são lançados violentos anátemas.

Aqui o deixo escrito.
Coimbra, Março de 1957.

Valdemar Andrade

Uma máquina de compor INTERTYPE

ao serviço do Algarve

na Tipografia União

PRESIDIDA por Sua Ex. Rev.^{ma} o Senhor D. Francisco Rendeiro e com a assistência do sr. Governador Civil do Algarve e outras altas individualidades e representantes de jornais da nossa Província, realizou-se no passado dia 9, a bênção e inauguração solene da moderna máquina de compor «Intertype» adquirida pela Tipografia União.

Com esta valiosa aquisição, fica o equipamento tipográfico desta acreditada oficina apto a servir de maneira eficiente, mais primorosa e até talvez mais económica, os seus clientes, entre os quais temos o prazer de nos contar, sendo portanto de esperar que «A Voz de Loulé», bem como os colegas ali compostos e impressos, passem a ter um aspecto gráfico muito melhorado.

Merece assim a Tipografia União não só os nossos parabens, como também a gratidão pelo elevado critério que presidiu a este importante melhoramento.

Actividades da Casa do Algarve

A Direcção da «Casa do Algarve» deliberou, na última reunião:

— Promover a convocação do Conselho Superior Regional para, em reunião conjunta com as comissões Cultural e de Turismo e Propaganda, estudar as bases de uma representação a apresentar superiormente sobre a necessidade da urgente urbanização de Sagre e S. Vicente, com a evocação da memória do Infante D. Henrique e das tradições cristãs de ambos os locais:

(Continuação na 3.^a página)

VENDE-SE

1 secretária grande em mogno e uma banheira—Rua do Repouso, 4—Faro.

BILHETES POSTAIS

de Lisboa

por Luís Sebastião Pares

A Frota Bacalhoeira

Após a bênção da frota bacalhoeira que teve este ano a presença do Chefe do Estado, e cuja cerimónia se revestiu de um brilhantismo desusado, mantendo-se assim a tradição que há 20 anos se vem efectuando os nossos bacalhoeiros foram deabalada para uma campanha.

Dentro de algumas semanas vão encontrar-se a pescar nos bancos da Terra Nova e da Gronelândia setenta e dois navios portugueses. E mais pão, mais alegria, a luta pela vida... o sustento da família, e também, um somatório de sacrifícios, canseiras e tristezas... contudo, a nossa gente do mar, esses valentes lutadores, representam alguma coisa de grande na vida da Nação; são bem os obreiros da economia da Nação!

A partida é sempre coisa dura! Uma família que chora, uma noiva que aguarda mais uma campanha para ver realizados os seus sonhos: — o casamento — pródigo de um grande Amor... são rostos sulcados de rugas profundas das mães e esposas — máscaras hirsutas e envelhecidas pelas longas horas de sacrifício e esperas, — que se enquadram bem no cenário colorido das camisolas aos quadros, típicos dos nossos pescadores bacalhoeiros.

«São os seus homens» que vão buscar o pão de cada dia — chamam elas — não sem correrem os riscos traçoelros do Mar, esse Mar que faz parte da vida comum deles — seu amigo e também o seu mais feroz inimigo! Que Deus os traga em Bem com farta pesca!

A efectivação na Assembleia Nacional, do aviso-prévio do deputado e antigo ministro sr. Eng.^o Daniel Barbosa, veio vez mais salientando o interesse com que a nossa Câmara política se debruça sobre os grandes problemas nacionais. Veio não menos afirmar o que representa e vale o espírito de fiscalização ali existente, espírito sem deixar de ser de colaboração com o Governo, também não se nega a reclamar e a sugerir sempre que cabe a reclamação ou a sugestão.

Abordar os grandes problemas nacionais com a decisão e o espírito de servir com que o fez o sr. Eng.^o Vieira Barbosa, é realizar obra de valiosa cooperação com o Governo e, simultaneamente, dar ao País a certeza e a garantia de um interesse pelas grandes questões nacionais, o que não pode deixar de concitar aplausos e provocar louvores.

Bastante se tem feito para melhorar a situação económica da Nação. Mas muito é necessário ainda progredir nesse caminho.

Para tanto, muito úteis terão sido, certamente, as considerações do deputado e antigo ministro sr. Daniel Vieira Barbosa.

L. S. P.

Feira Popular de Faro

(Continuação da 1.^a página)

ção de diversos divertimentos, casas de comidas e bebidas, cafés e jogos permitidos.

Está igualmente a ser preparado um simpático recinto para exibição de variedades e realização de bailes.

Tudo se conjuga para que a Feira Popular de Faro, seja um ponto de atracção das calmosas noites de Verão e um sólido elemento de auxílio à cruzada que a sua Direcção prossegue.

Na Casa do Algarve

(Continuação da 1.^a página)

História, o comportamento de D. Henrique, que nem todos os historiadores compreenderam e que muitos até condenaram injustamente. Assim, o Infante Navegador aparece, enquadrado na Idade Média na sua justa estatura de super-homem e de génio raro, verdadeiro arquétipo de homem integral, daqueles que dominam, pelo espírito, os seus semelhantes e comandam os acontecimentos.

Encerrou a sessão o sr. Dr. Quirino Mealha, que elogiou o trabalho apresentado pela sua profundidade e originalidade.

No final o conferente foi muito cumprimentado pelos presentes.